

PEQUENA NOTA A MARGEM DA GUERRA

A tendência generalizada de vermos as questões superficialmente leva-nos quasi sempre a resultados falsos e a conclusões precipitadas. Assim, devemos sempre procurar conhecer o mais completamente possível os determinantes e os condicionamentos dos acontecimentos. Analisemos a maneira como se faz a concorrência económica e as suas últimas consequências.

Nos regimes de livre concorrência cada produtor, na venda das mercadorias produzidas, esbarra com a concorrência dos outros produtores. Ele procura, portanto, colocar no mercado os seus produtos aos preços mais baixos. Aperfeiçoa as suas máquinas o mais rapidamente que pode, porque concorrerá vantajosamente enquanto estas novas máquinas não se generalizam. E antes que isto aconteça, o produtor começa a pensar (sabe que os seus rivais não dormem) em novos melhoramentos, em aperfeiçoar mais ainda as suas máquinas. A concorrência determina, em 1.º lugar, um aumento e progresso da técnica, da maquinaria e das forças produtivas.

Mas outra consequência da concorrência é a concentração e centralização do capital, visto que os produtores se vão arruinando mutuamente, desaparecendo agora um, depois outro, ficando os meios de produção apenas nas mãos de meia dúzia de grandes produtores, únicos que puderam agüentar-se nesta luta diabólica contra os seus concorrentes.

Mas a luta continua. Aperfeiçoando-se a técnica, quere dizer, quanto mais as máquinas forem aperfeiçoadas, menor número de empregados precisará o produtor, que tem como única finalidade uma diminuição de despesas. Aumenta por conseguinte o número de desempregados ou, o que é o mesmo, o número de compradores (os desempregados não têm a mesma facilidade de comprar mercadorias como quando trabalhavam e ganhavam o seu salário). Os produtos não são tão facilmente vendidos e são depositados em armazéns, stocks.

O produtor fecha a fábrica até se esgotarem os stocks, ficando sem trabalho os restantes operários.

Nesta concorrência cada vez mais feroz os produtores

mais fracos continuam a sucumbir e a centralização do capital atinge proporções colossais.

«Assim, a concorrência chega, no seu desenvolvimento à sua própria negação: concorrência de numerosos capitalistas conduz primeiramente à perda dos fracos e à consolidação dos fortes; a luta entre os grandes produtores conduz em seguida à união, à substituição da livre concorrência pelo monopólio, à dominação incontestada das grandes organizações».

Depois, como dentro dos seus países não há compradores para todas as mercadorias produzidas, os produtores procuram vendê-las aos outros povos, aos outros Estados.

Mas os produtores destes países levantam enormes obstáculos e fazem pagar, por cada mercadoria entrada, um elevado imposto, tornando-a muito mais cara para o comprador.

Por exemplo: um automóvel «Ford» que pode custar uns 10 contos na América é comprado por 30 ou 40 contos em França, porque os fabricantes de automóveis deste país não querem deixar de vender os que as suas fábricas produzem e levam o Estado a subir os direitos alfandegários.

Mas os produtores dos Estados fortes pretendem opôr-se a estes direitos alfandegários, conquistando, pela força, os pequenos países. E assiste-se à partilha do glóbo entre as grandes nações, a conquista e lutas na Abissínia, Austria, Checo-Eslaváquia, China, Albânia e, agora, a esta última guerra há pouco desencadeada pela Alemanha; lutas pela conquista de mercados—lugares onde as mercadorias possam ser vendidas—à custa dos povos vencidos.

Numa palavra: ou adquirem compradores nos países que vão submetendo pela força, ou vão buscar a essas nações as matérias primas, que não possuem, necessárias à produção e ao consumo.

O imperialismo, a luta pela influência sobre o mercado mundial—pelas fontes de matérias primas e escoamento das mercadorias—é, sabe-se, a principal causa das guerras.

ARNALDO MAIA

(Continuação da página anterior)
depressa. Nem sequer falo do que vai ser servido à mesa, copioso, frugal ou miserável. Falo deste homem ou desta mulher, sózinho ou sózinha no seu quarto ou no meio da sua família, nos recantos sombrios, nesta lepra moral do lar. Sob a janela, a rua. Como é triste! Tudo? Sim. Tal é o fruto do nosso labor: o nosso lar, a nossa rua, a nossa cidade. Valla a pena fazer descer do seu Olimpo os *deuses-máquinas* e viver assim como animais na gaiola? Está-se sentado numa cadeira, fala-se. Lê-se o jornal... liga-se a T. S. F. Depois de jantar vai-se ao cinema. E, no domingo, toma-se um carro e parte-se para os arredores.

A nossa casa: a família agita-se lá. Esta criança que vai nascer—fruto maravilhoso da natureza (natureza: sol, espaço, árvores), é mais um móvel na estreiteza do lar. Um móvel frágil, ameaçado pelo inevitável. Pobre garoto! Outros garotos, dois, três, seis garotos em casa.

Os velhos estão em qualquer canto, alojados como podem. Oh épocas selvagens, remotas, em que as condições eram naturais!

Nesta idade da abundância—hoje—eis como vivem os homens, os donos da máqui-

na: a noite, a manhã, a tarde. Cada dia, todo o ano, toda a vida.

A fotografia de avião veio dizer-nos cruamente onde estamos. Cada cidade, hoje, possui o seu rosto exato, visto do alto. Os olhos do espirito vendo clara, exacta, totalmente. Os edis têm estas fotos nos seus *dossiers*. Deviam tê-las fortemente ampliadas, coladas em vastos quadros na parede do seu escritório! E deviam mandar escrever em baixo isto: «A municipalidade, aterrada à vista destes documentos espantosos, decidiu não tolerar mais...».

E nos escritórios do Plano da Cidade, trabalhar-se-ia obstinadamente para a transformação.

Coloquei as duas coisas face a face: a civilização maquinista, brilhante, toda poderosa e a habitação dos homens. O problema está exposto e eis aqui a tarefa: dar à civilização moderna a habitação que ela merece.

Arte e Técnica: Não!

Técnica e Arte. Todas as técnicas aí estão ao nosso alcance. A cidade, dia após dia, a cidade nova vai poder erguer-se sobre a cidade antiga. *A revolução arquitectural levada a efeito pelos técnicos modernos traz a solução à urbanização das cidades contemporâneas.*

As técnicas modernas? São novas e prodigiosas: o aço, o cimento, o vidro, o ar condicionado, a sonorização, a organização dos serviços comuns domésticos, a separação do peão e do automóvel.

Sol, espaço, árvores. Em cada casa o sol como uma plena muralha de vidro. Diante da casa, espaços imensos: o céu. Ao pé da casa, árvores, jardins, parques, jogos. E o solo da cidade, o solo inteiro duma *«cidade verde»*, pertence de futuro aos peões.

A infância na cidade verde, a infância e a família.

O corpo na *«cidade verde»*: os pulmões, o coração na cidade verde: sol, verdura, espaço.

Com que vontade, então, todas colaborarão alegremente, no trabalho da fábrica, da manufactura, do escritório! Imaginemos a multidão regressando a pé à cidade verde, para o lar da Cidade Radiosa.

Porque a cidade podia ser assim chamada: «A Cidade Radiosa».

Todas as Técnicas estão presentes. Os inventores trabalharão para a verdadeira felicidade. A sociedade sentirá uma justa relação de causa para efeito entre o seu trabalho e a sua recompensa: o lar radioso.

Juntas as multidões, ou talvez as pessoas uma a uma.

Explicai-lhes que o homem, pelo seu génio criador, pôs no mundo as máquinas para produzirem uma soma fabulosa de objectos e de mercadorias. Que este acontecimento é transformador—1938. E perguntai-lhes: «O que vos coube?».

«Nada», responderão. E vós, que adquiristes os meios de reflectir, de discutir, de imaginar, de concluir, podeis responder: «Amigo, Amigos, a sociedade maquinista em breve vos dará o lar radioso».

Penso que entre o trabalho fornecido e o resultado produzido—não há outro móbil senão o de equipar uma sociedade dos beneficentes fundamentais: alimentar-se, vestir-se, alojar-se, distrair-se.

Satisfeitas estas necessidades e aspirações, a civilização maquinista atingirá a sua unidade plena, forte e sã.

A barbárie, o caos, os conflitos, acabarão, ficando colados, para cá da sociedade equilibrada, aos vestígios da sociedade que morre.

LE CORBUSIER

(Do volume colectivo *L'homme, la technique et la nature*, Paris, Rieder, 1938)